

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

Resta-nos, para concluir, concentrarmo-nos em Portugal e nos portugueses. Para ver se não nos deixamos, também cercar...

A lição de que nos fala Cypriano de Figueredo, aplica-se, infelizmente, a todos os tempos. Os “maus alunos”, porém, estão em todo o lado e quando estão em maioria ou em lugares importantes, ganham! A abadia de Cluny gerou cerca de 2000 outras abadias. O que resta delas? Foi deste grande centro do saber e da espiritualidade que, presumivelmente, saíu a ideia das cruzadas e da concepção estratégica da reconquista cristã e da cristianização. Foi, ainda, esteio e elemento doutrinator das Ordens Militares Religiosas. Foi S. Bernardo quem impôs a regra de S. Bento aos Templários – A Ordem, de entre toda, que se veio a revelar mais poderosa. A sua influência no desenvolvimento de Portugal foi fundamental e prolongou-se através da Ordem de Cristo, depois das perseguições movidas pelo rei de França, Filipe, o Belo, que levou à extinção da Ordem do Templo, na maioria dos países.



Durante toda a Primeira Dinastia tomou forma a matriz da nação portuguesa conseguindo-se no reinado de D. Dinis – um rei notável -, uma identidade já bastante pronunciada e um equilíbrio geopolítico de bases sólidas. As amarras ao mar estavam definitivamente estabelecidas e o cristianismo lusitano ganhou uma expressão singular e peculiar, através da introdução do culto do Espírito Santo. No princípio do século XV estavam reunidas as condições políticas, económicas, e sociais para que o “projecto” português pudesse desenvolver-se e tomar forma fora da Península. E que extraordinário foi esse desenvolvimento! Contudo, e por razões que não vamos aduzir neste escrito, o “projecto” português foi interrompido no reinado de D. João III. As capelas imperfeitas do mosteiro da Batalha são o paradigma dessa interrupção.

As Ordens Militares foram reformadas e enclausuradas. Para ocupar o seu vazio chegou a Companhia de Jesus, que razões de Estado, ideológicas e pessoais viriam a provocar a sua expulsão, no reinado de D. José I. O golpe desferido nos idos de quinhentos foi violento e o desastre de Alcácer Quibir e subsequente domínio filipino impediram qualquer recuperação do ideal de grandeza passado. Ficou um sebastianismo e a “saudade” e durante os últimos quatro séculos vivemos do que nos restou e fomos conseguindo manter e gerir, até aos dias de hoje. Em 1834, o que restava do poder das Ordens Religiosas foi cortado cerca, com o decreto da sua extinção. A sua existência era incompatível com a triologia Liberdade, Igualdade, Fraternidade, soprada de fora.

Quando Camões numa das suas estrofes, se referiu ao reino lusitano como sendo o “quase cume da cabeça da Europa toda...”, sabia o que dizia, ou pelo menos, ao que aspirava. Fernando Pessoa ressuscitou o tema neste século, e elaborou sobre ele, tendo identificado os restantes países da Europa como outras partes do mesmo corpo, cuja cabeça era Portugal. E atribui-lhes funções. Todos concorriam complementarmente para um mesmo fim. Para uma missão. Na sua ideia, para o V Império. O Estado Novo concorreu sem o saber e por razões diferentes, para esta ideia. Como se sabe enquanto os poderosos do mundo, não acabaram com esta “veleidade”, não descansaram. Mas só o conseguiram, quando lograram corroer o miolo do poder, em Lisboa. As grandes crises e desastres têm sempre esta causa. A ideia de Pessoa inspirada no Padre António Vieira era universalista, harmoniosa, sensível, espiritual.

Maastrich aparenta ser tecnocrata, economisista, material, redutora. E quando se pretende global, não é para espalhar uma ideia, mas sim para impôr uma norma. É o medo da concorrência que a move e não um ideal de convivência da Humanidade. Portugal sempre teve consciência dos seus “cercos”, cujo princípio de D. João II “conter Castela em terra e batê-la no mar” ilustra lapidamente (34). Mas é necessário que a liderança nacional esteja desperta para estas coisas em todas as épocas, o que nem sempre aconteceu. Os portugueses são, talvez, o povo que tem melhores noções do que é a Europa, das potencialidades e dos perigos que representa. Contactámos com todos os povos e sofremos inclemências dos seus interesses e ambições. Sagazmente procurámos apoios fora do continente e fizemos um milagre: o mar que era sinónimo de separação e mistério, transformou-se em símbolo de união, potenciador de capacidades. E, durante 600 anos, estivemos dentro da Europa, a viver de fora, e assim nos mantivemos, até que um dia passámos a ter que viver obrigatoriamente dentro dessa Europa, estando de fora. Deixamos ao leitor decidir se

do anterior estávamos numa posição de fraqueza e estamos agora fortes, ou se é a contrária verdadeira.

Bom, e cá estamos no início do século XXI. O que fazer? A receita é simples embora de complexa e difícil execução. Basta “pegar” no “milagre de Ourique”, entender-lhe o espírito e a letra e prosseguir-lo. Há receitas do passado que são intorneáveis, embora passíveis de aplicação actualizada. Não vale a pena fazer nada, se não se conseguir manter uma forte coesão interna e consensos estáveis sobre questões essenciais e estabelecer quais são os nossos máximos divisores comuns. Sem isto não subsistiremos como Nação (mesmo que sobreviva um simulacro de Estado). Nem vale a pena. Há que estancar rapidamente todas as acções centrífugas relativamente ao todo nacional que se desenvolveram nos últimos anos; não dar crédito a questões que nunca foram problema em Portugal; parar com as tentativas de feudalização do país; garantir a ordem para haver liberdade; hierarquizar em termos modernos as relações de trabalho e sociais, a fim de não se cair no abandalhamento; favorecer a autoridade e a boa educação e criar referências; evitar a promiscuidade entre profissionais da comunicação social e figuras proeminentes da vida nacional e sobretudo os políticos; acabar com o laxismo na escola, nos tribunais e, de certo modo, na família, que tem inundado o país de analfabetos encartados, párias sociais e desadaptados. Para já não falar, na multiplicação dos vícios e das aberrações, focos de doenças e criminalidade. Passemos a outro ponto que este já está ilustrado.

Vejamos o princípio de “conter Castela em terra...” Deixemos a questão militar de lado, não por estar ultrapassada, mas porque é menos importante neste momento. A contenção tem que ser neste particular de ordem económica, cultural, financeira, ambientalista, na defesa de recursos, etc. Convinha não nos iludirmos com situações de circunstância, aproximações de aparente amizade ou convergência de conveniência. A regra é: os peixes grandes comem os peixes pequenos. Certo?

Passemos ao mar. Também aqui devem seguir-se ensinamentos antigos. Que vemos? A marinha Mercante desapareceu quase totalmente nos idos de 70; a marinha de pesca é subsidiada para se auto-destruir enquanto pescamos cada vez mais confinados ao “mare clausum” de outros; a marinha de recreio é diminuta: num país de marinheiros contam-se quase pelos dedos os praticantes de vela e remo; para uma posição geográfica privilegiada e uma indústria de turismo com um peso significativo na economia, o número de marinas é insignificante; as bacias hidrográficas e a maioria das barragens estão subaproveitadíssimas em termos de navegabilidade, pesca, desportos náuticos, etc.

Quanto à marinha de guerra, derradeiro sustentáculo do poder marítimo, ultrapassou o ano 2000 não propriamente no zero naval, mas a caminhar para uma formação tipo dedos de uma mão... Quanto a “bater Castela no mar”, estamos conversados. Esperemos que os outros países nos continuem a fazer chegar os alimentos e as matérias-primas e tudo o resto que precisamos para viver. Pagando, claro. Partindo do princípio que os Açores e a Madeira vão continuar portugueses (nunca se sabe quando é que os “ventos da História” mudam outra vez...) estes arquipélagos configuram com o continente um badalado triângulo estratégico. Julgamos, contudo, que o triângulo da nossa conveniência deveria ter o seu vértice sul em Cabo-Verde (ou até mais além...). A ideia não é nova e já o ilustre capitão Paiva Couceiro o defendia na revista de Artilharia, em 1906! Com a institucionalização da CPLP este desiderato poderá tornar-se mais fácil, bem como a exploração de todas as virtualidades que o Atlântico Central e Sul nos possam oferecer. Daqui para África é um pulo. África continua para Portugal tão importante como em 1415; e 1481; e 1498; e 1578; e 1769; e 1895; e 1961. E agora. Quanto mais fortes formos em África, mais fortes seremos na Europa. A participação na construção europeia, é bom lembrar, constitui um objectivo nacional circunstancial. Quer dizer, é contingente à situação. Dito por outras palavras, pode não ser para sempre. Nós nunca fomos morrer pela Europa. E quando combatemos na Europa, foi na perspectiva de defendermos interesses fundamentais portugueses na sequência de agressões ao nosso país. A última vez que o fizemos, na Primeira Grande Guerra, foi para defender o ultramar...ora neste momento, já estamos a morrer na Bósnia. Uma alteração muito significativa do nosso comportamento. A ponderar. Pensamos nós.

Mas voltemos a África, Portugal tem sido lento a voltar a este continente. Por razões várias que se prendem com traumas da Descolonização, com guerras civis que se seguiram, com a falta de incentivos, com a exiguidade de recursos disponíveis, pelo balancear das opções...etc. Portugal precisa de regressar a África de cabeça erguida. Mas para isso é necessário arrumar umas quantas questões sobretudo de consciência, de justiça e de verdade histórica, que ainda estão longe de estar devidamente arrumadas. E é forçoso que Portugal o faça, pois uma parte da sua alma está lá. E para os africanos com quem lidamos há tanto, a vantagem é recíproca. Ninguém os trata e compreende, aliás, melhor do que os portugueses. Em África estamos em casa e sentimo-nos em família. Escusado será falar na importância da língua e do muito que há a fazer neste campo. Mas não podemos continuar apenas a falar na cultura.

O Brasil é, dentro de toda esta estratégia, um elemento importante, por todas as razões conhecidas e ainda para poder ser contrapoder à “hispanidade” Mas não podemos ter veleidades de nos querermos sobrepor ao Brasil...

A segurança regional, que engloba o Mediterrâneo Ocidental merece atenção permanente. Os esforços feitos nos últimos anos parecem correctos e devem ser desenvolvidos. Só é pena que o gasoduto não entre por Sines...

As ligações com as potências marítimas não devem ser descuradas. A Aliança Inglesa não está ultrapassada. E os EUA devem ser objecto de atenção especial, até porque ... são o que são! As comunidades portuguesa e luso americana, devem ser apoiadas, (como todas as outras), e procurar-se dividendos políticos. Cerca de 1/3 do total dos portugueses estão fora do seu território. Esta realidade deve ser acompanhada de perto e representa em simultâneo vulnerabilidades e capacidades. Há que saber minimizar os primeiros e potencializar os últimos.

No meio de tudo isto não podemos deixar de acompanhar as novas tecnologias e a exploração das novas fronteiras, de que já falámos. O cancelamento do POSAT2 e de outros projectos de algum fôlego científico-tecnológico, embora possam ter justificação económica, não deixam de ser um mau augúrio. É que Portugal precisa também de encontrar a habilidade para criar uma mais valia qualquer em que se especialize e lhe permita aumentar proventos, mais valias e capacidade de manobra.

Todo este arrazoado pretende figurar e enquadrar-se dentro dos desígnios da Alta Política e das Alta Estratégia Nacional. Fazemos votos, para terminar, que a “baixa política” e a estratégia de vistas curtas, com os seus complexos, invejas, mesquinhez e falta de patriotismo, não se sobreponham àquelas. Uma outra faceta da lição, que Cypriano de Figueiredo referiu e “que a muitos fidalgos esqueceo”.

68 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/01/17

A NOVA ESTRATÉGIA DE DEFESA DOS EUA E A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/20

O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/28

EUROPEAN AERONAUTICS: MAIN POLICY AND OBJECTIVES [1]

Daniela Siqueira Gomes

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/02

A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA

Luís Marquês Saraiva[1]

2009/03/31

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]

Luís Marquês Saraiva[2]

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/07

ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION

Sandra Fernandes e Luís Saraiva

2008/07/28

O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRCTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCARESTE E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/30

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO

João Brandão Ferreira

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/18

RETERRITORIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/03/16

EUROPA SOB UMA TRIPLA AMEAÇA DA AL-QAEDA

José Vale Faria [1]

2008/02/20

VISÕES SOBRE A POLÍTICA EUROPEIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Vários

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/11/30

KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[1]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

João Brandão Ferreira

2005/07/17

A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/10/29

A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]

Francisco Duarte Lima

2004/10/12

UMA NOVA DOUTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/14

A DEFESA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/21

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges

2004/02/23

SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA

João Vieira Borges

2004/02/19

A UE E A RÚSSIA

António Silva Ribeiro

2003/09/30

PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges